

# **4<sup>a</sup> Parte**

---

**Discursos**

# Posse na Presidência da Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro

Artur Eduardo Benevides

Mais uma Academia! – dirão, por certo, os negativistas contumazes, que nada fazem para tornar melhor a vida, sobretudo numa época, como a nossa, de crescente desumanização do ser humano, sem que o desenvolvimento tecnológico e científico seja capaz de solucionar os mais graves problemas do mundo. Incisivamente, contudo, lhes diremos – não! Somos uma força, pequenina embora, a funcionar sinergeticamente, em prol dos ideais humanísticos, das ciências, das letras e das artes, assim entendido o lastro de conhecimento criador do espírito, em benefício da humanidade. E é esse exatamente, o *desideratum* da Academia de Letras e Artes do Nordeste, de cujo núcleo cearense tenho honra de ser o primeiro presidente. Aqui estão poetas e artistas que acreditam no poder de seu sonho e tudo farão, com o idealismo dos que crêem, pelo nome cultural do Ceará e do Nordeste em sintonia com os nobres colegas de Recife, João Pessoa, Natal, Maceió e Teresina, sob a eficiente liderança do presidente Alvacir Raposo, do vice-presidente Paulo Cardoso e de tantos outros que compõem o núcleo central, na capital pernambucana.

O que vos viesse a dizer, porém, neste momento, sobre Arte e Literatura já o saberíeis, por força de vossa formação intelectual. Afinal, esse é o nosso ofício, a nossa paixão, o nosso labor e o nosso sonho. Vivemos não de, mas para e com as Letras e as manifestações de natureza artística, pois tudo, na visão da antropologia cultural, espelha o *volksgeist*, ou o espírito do povo. E só para lembrar a extraordinária importância do que fazemos, oportuno é repetir um dos mais lúcidos e belos pensamentos de Machado de Assis: no futuro, quando já houver desaparecido a Inglaterra, ainda se falará em Shakespeare.

Se olharmos, aliás, os longes da História, veremos que toda a imperecível glória da Grécia, mãe do espírito ocidental, repousa nas Letras e nas Artes: nos poemas de Homero, no teatro de Sófocles, na filosofia de Platão e Aristóteles. E o que seria de Portugal sem Camões? Ou da Alemanha, sem Goethe? Ou da Espanha, sem Cervantes, com o imortal *Dom Quixote*? Que seria da Itália sem a luz de Dante, que Longfellow comparou a uma catedral? Ou do Chile, sem a poesia de Neruda e Gabriela Mistral? Ou da Argentina, sem a obra de Borges e de Sábato?

Como entenderíamos o Brasil sem Machado e Alencar, Castro Alves, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Jorge de Lima e Guimarães Rosa? Ou o Nordeste sem Joaquim Nabuco, Gilberto Freyre, Domingos Olímpio, José Lins do Rego, Da Costa e Silva, Augusto dos Anjos, Câmara Cascudo, Amando Fontes, Jorge Amado e Rachel de Queiroz? Sim, que seria do Nordeste sem o teatro de conteúdo social de Ariano Suassuna e Eduardo Campos? Ou a música de Alberto Nepomuceno, com ponderáveis influências sobre Villa-Lobos? Ou a pintura de um Raimundo Cella, de um Cícero Dias, de uma Sinhá D'Amora e de um Lula Cardoso Ayres? Ou o jogralismo sertanejo de um cego Aderaldo e de um Luís Dantas Quesado?

A Literatura e as Artes sempre engrandeceram o nome dos povos, diante do mundo. E o Nordeste é um repositório, nos séculos, de grandes talentos, que sentem a imperiosa necessidade de emigrar, por aquela predestinação a que se referiu Alencar, no final de *Iracema*.

Por isso, não somos somente mais uma Academia, mas um grupo incansável de escritores e artistas a serviço desse ideal, cujos lucros maiores são o prestígio da Região na cultura brasileira e continental. E é bem melhor que haja mais poetas do que fabricantes de bombas. Afinal, os poetas, como disse Fernando Pessoa, nascem a cada momento para a eterna novidade do mundo. E reinventam a vida. E o sonho.

Nós vos asseguramos que nessa trilha prosseguiremos resolutos, tendo como lição soberana o exemplo dos grandes escritores e artistas do passado.

Ao assumir, portanto, a direção do Núcleo do Ceará, cabe-me expressar, neste momento, o nosso inarredável propósito de tudo procurar fazer pela cultura nordestina, com aquele profundo poder

da alegria – *deep power of joy* – do inesquecível Wordsworth. Se nos aplaudirem nos curvaremos, agradecidos. Se zombarem de nós, passaremos com a coragem dos que conduzem a bandeira de um ideal.

*Maegré tout*, temos a nosso favor a riqueza de nosso sonho e da nossa fé nos destinos do Nordeste. Afinal, se os poetas e os artistas não existissem, quem iria acender a luz da esperança e da beleza no coração do povo?

Nossa natureza é, essencialmente, dionisíaca ou apaixonada, marca secular da cearensidade e da nordestinidade, com as energias ibéricas que herdamos, na formação da nacionalidade. E é isso que mostramos na poesia, no romance, no conto, no teatro, no ensaio, na crônica e nas artes, em geral, da música à pintura ou à xilogravura. É o que sabemos fazer. Ou o que o Nordeste espera de todos nós, pois é nossa tarefa fundamental, como diria Jorge Luís Borges, preservar “a beleza que esteja em toda parte. E talvez em cada momento de nossa vida”. E de que vale passarmos pelo mundo sem procurarmos captar em nossas criações o sagrado e o profano, o efêmero e o eterno, o esplendor das rosas e das manhãs nascendo, a grandeza dos arco-íris no final das tardes, as fontes, os rios a correr, a pancada do mar em nossa alma, a tristeza dos caminhos e dos plenilúnios, os dramas dos injustiçados, ou os pássaros a saudar, a cada manhã, o regressar do sol? Só esperamos apenas que se faça isso com todas as forças do coração. Como disse Picasso, há pintores que fazem de um sol uma mancha amarela, mas há outros que fazem, de uma mancha amarela, um sol. E esses são os que, no conceito maritainiano, possuem em si o inesgotável espírito poético.

Agradeço a confiança depositada em mim, que dediquei toda a minha vida à Literatura. Poderia ter ido amealhar fortunas em rendosas profissões, mas preferi ser, até hoje, um vendedor de sonhos. E se prouvera a Deus mais vida conceder-me, mais serviria eu a tal mister repetindo, de certa forma, o episódio bíblico dos sete anos de pastor.

Peregrino das Letras, sou um servidor de minha terra e de minha gente. E isso, até na morte, é vida.

Viver, aliás, é proteger-se das agressões do real e do cotidiano. É conservar em si o espírito de infância, perseguindo o caminho dos sonhos, para não morrer vazio.

Viver é tentar atingir a plenitude do ser, de onde se pode avistar a sombra do eterno, que só se percebe no clima ancestral da solidão criadora, capaz de projetar, no espírito humano, a sua própria luz. E por essa longa estrada palpita, nos séculos, o ideal literário e artístico, como uma forma muito mais ampla de entender, no espaço e no tempo, as ambigüidades de nossa própria alma, ou de salvar, mais uma vez, Eurídice do Inferno, reinaugurando, na poesia, na ficção e nas artes, em geral, o sopro do Gênesis e da própria História, a partir de Homero e do coro da tragédia grega, ou dos sons da lira de Orfeu, até atingir os poemas de Rilke e a Nona Sinfonia de Beethoven. E é isso, em grau maior ou menor, o que fazemos diariamente, na incessante tentativa de elevar o ser humano, para salvá-lo do caos que ele próprio preparou.

Agradeço a todos os presentes e, de modo especial, aos nobres colegas de Pernambuco que aqui se encontram prestigiando a nossa solenidade: o eminente colega Paulo Cardoso e os diretores William Ferrer, Everaldo Moreira e o romancista Cláudio Aguiar, que teve palavras de incentivo e de amizade para a Secção Regional do Ceará, que guardaremos imperecivelmente em nosso coração.

A flâmula que ora recebemos será conduzida por nós, através dos caminhos da esperança, em benefício da cultura do Nordeste e do Brasil. Tentaremos jamais decepcionar aqueles que generosamente acreditam em nosso idealismo. O mundo da tecnologia precisa urgentemente de um pouco de sonho e de amor.

Muito obrigado!